

BOCA

Centro Acadêmico Iara Iavelberg

ESPECIAL

Instituto de Psicologia - IPUSP

Universidade de São Paulo

Quarta-feira, 26 de Novembro de 2003 Número 28

ERÓTICA



Mulher

sexo

Prazer

Amor

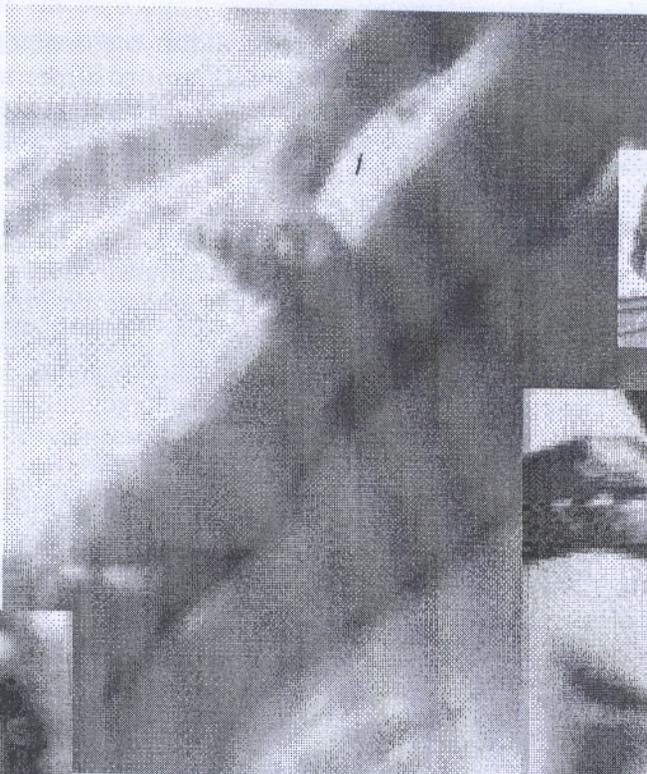
Homem

Tesão

Biquini

Mão

Boca



Capa: Jonas Boni (02)

APASSIONATA

Busilis (00)

Eros = Amor

Amor = Psiquê

Por que um BOCA erótico?

José Israel (01)

Eros, o Cupido, não sabia mais o que fazer com as suas flechas. A sua companheira Psiquê, a bela, entretanto, já sabida do gosto, doce, na carne, amargo, da flecha, sentia o poder que este deus – deus mesmo? – tinha nas mãos.

Apaixonar-se.

Mas, mulher-deusa que era, sabia bem contestar o gênio do homem-deus do Arqueiro de Zeus. Dizia-lhe, num sussurro de zéfiro da alegoria dos ventos da Vênus de Botticelli que ainda seria pintada, sussurrava-lhe nos ouvidos, enquanto dormia o seu homem-deus, dizia-lhe “escuta, é um poder de responsabilidade, não é de se brincar”. Mas ria o homem-deus, sabia muito bem utilizar as flechas, sabia muito bem flechar, para isso havia sido criado. Psiquê, das noites no escuro, dos olhos sem ver, acendestes a luz para quê?

“Então, vai, flecha Afrodite, no coração, mostra a ela o espelho do amor”

“Mas, meu amor-deus, sombra alada, não pode brincar assim”. Tornadas nas mãos, esquecido do arco, as mãos-deusas da deusa-mulher, não fala o flecha-dor, apenas pensa, a deusa sabe, mulher, sábia, sente: “Amada, difícil papel possuo, importante papel, disse sei. Minhas flechas conduzem o gosto do Olimpo, da grandiosidade dos deuses. Sendo deus, não há escolha: somos o infinito; ainda mais homens: amamos e somos amados, somos o infinito. Uma vez o amor, uma vez a flecha, sempre o amor, sempre a flecha. Flechada que não dói, flechada que derrete”.

“Dói!”

“Você, o amor, o deus, dói! Faz me des-cobrir, me conhecer. Ainda assim digo: isto é o amor, isto é Eros!”. Braços alados, flutuavam sobre as coisas, elevavam-se em direção ao Alto Céu, os quatro braços em fogo, Eros e Psiquê. Pranto sincero, o homem-deus também chora, também não entende: “Não compreendo aquilo que conduzo. Sofro por aquilo que conduzo. Me dói, também me dói, porque sei que não posso controlar aquilo que sou, porque é incontrolável, porque é divino”. Choro em silêncio, dueto conspiratório. Choro-chuva, alimenta os brotos, semeia a floresta de amanhã, dá alegria em flores para as crianças que ainda não nasceram.

Sou Sinto Cresço.

Psiquê: -Eros, Amor. Por tantos lugares passei, vivi em muitas épocas. Vi deuses-homens quando ainda não existia o Olimpo, os deuses. Mas sei que sempre soube de você, Eros, Amor.

Eros: -Psiquê, Amor. Mas, como pode? Também eu sou de várias épocas, de várias vidas. Soube sempre, sempre fui, você.

Na alquimia do encontro de duas vidas-almas antigas, pode o Deus falar, emanar luz em forma de calor e carinhos. “Amados, todos somos, amantes. Vida-amor, amor-ódio, ódio-Vida. Ciclo-espiral. Na procura, o achado. Na certeza, a perda. Na busca, o processo. No caminho, a Vida”.

Sempre, sempre Eros e Psiquê.

[02/11/2003, madrugada de primavera]

O poeta Richard Eberhart questionando-se sobre o motivo de alguém se dispor a perder tempo com a poesia erótica, tida como “menor”, quando poderia ocupar-se com a “grande” poesia do passado e do presente, responde a si próprio, socraticamente: será que o poema erótico serve para excitar? Em vez de ler sobre o amor-paixão, não seria melhor amar apaixonadamente?

Entendo que a locução “em vez de” introduz aqui uma confusão entre o imaginário e o real. Embora possa ser uma representação da vida, a literatura é autonomamente um prolongamento da vida, pois já se disse que “a arte existe porque a vida não basta”.

Segundo José Paulo Paes, ler não substitui o viver nem seria esse o intuito e “supor que um poema erótico vise tão somente a excitar sexualmente equivale a o confundir com pornografia,” embora Boris Vian (*in Escritos Pornográficos*) tenha afirmado a impossibilidade de se distinguir em determinado nível o erótico do pornográfico. A excitação sexual imediata, dita “animalesca”, seria o objeto da literatura pornográfica. Essa excitação, vicariamente, também pode ser um resultado da literatura erótica, mas o escopo desta é a representação do erotismo, fenômeno tipicamente humano. Representar é, no caso, presentificar emoções relevantes, ainda que apenas imaginariamente.

Revive-se assim o essencial daquilo que se experimentou amorosamente, real ou platonicamente (devido a um impedimento do objeto amado), e se permite o compartilhamento universal da (re)vivência.

“Ora, mais do que em qualquer outro domínio da experiência humana, é no da experiência erótica que se torna urgente impedir que, em sua velocidade implável, o tempo apague de pronto e de todo os traços do já vivido. E o que poderá haver de mais fugaz que o instante do prazer, relâmpago culminante para cuja eclosão se vão acumulando as energias da progressão erótica?” (Paes, in “Poesia Erótica em tradução”).

Por outro lado, poesia erótica não se confunde com poesia amorosa, visto que, apesar de terem o mesmo tema, apresentam historicamente mais divergências do que convergências. Naquela poesia, ocorre uma reificação do objeto amado, geralmente a mulher, que devido à premência do desejo masculino é retratada como desprovida de sentimentos, pura fonte de prazer e de gozo. Na poesia amorosa, ocorre uma idealização do ser amado e uma forte caracterização do seu potencial sentimental, como nos sonetos de Petrarca e do Camões de “feliz amor infeliz”.

A mulher de biquíni

Marcelinho (pós) R

Era uma terça-feira de uma semana qualquer. De um ano qualquer. Quem se importa com o ano em que fatos banais acontecem? Havia decidido fazer o exame médico na piscina comunitária. Estava aguardando os tempos de calor há dias. Junto com eles, sempre aparecem levadas e mais levadas de roupinhas sumárias. As ninfetas tornam-se mais ninfetas. Aqueles shortinhos parecem ficar mais recheados. Nada como um belo par de coxas para enfeitar aquele pedaço de tecido talhado pelas tesouras da moda. Da mesma forma, as velhacas também se tornam mais deprimentes. Ver aquele monte de gordura localizada é nojento. Nada pior do que entrar no coletivo e, após horas parado no trânsito, sentir uma gordona sentar do seu lado, apoiando aquele depósito infundável de lipídios na tua perna. Simplesmente terrível.

À parte esse show de horrores, existe também o show de sensualidade. Como o seio é delicioso! Melhor, um par de seios. Eles são a melhor coisa do mundo. Ah, os pequenos seios. Maravilhosos pequenos seios. Cabem na sua boca perfeitamente. Ficam empinados que nem cabines, apontando para cima, chamando. Foram feitos para serem chupados com delicadeza. Costumam desafiar as leis Newtonianas. São em sua maioria firmes. Não importa se estão sendo sustentados. Eles continuam suspensos no tórax da mulher mesmo que livres de qualquer resistência. Soltinhos. Mas firmes. Parecem uma fruta de uma árvore jovem que acaba de madurar. É uma maçãzinha do paraíso. Basta ir lá e colher, apalpar, lavar, lambuzar, chupar e se enlouquecer de tanto prazer.

Pois a portadora desses magníficos adereços estava na fila do exame médico. Era uma loirinha feiosinha. Magrinha. Ainda estava de roupa, mas meus sábios olhos me diziam: “aguarde, e verá”. Conversava com uma colega que era uma gracinha. Não detive minha atenção nas duas, pois estavam conversando sobre os respectivos comedores de suas bocetas. Entrei na sala do exame médico e então a surpresa do dia. Aquela loirinha profana vestia um biquinho branco que combinava com sua pele. Sua postura era majestosa. Seus olhos brilhavam, e sua alma sabia que estava sendo inflada por milhões de olhares. Fiquei estarelecido com tamanha formosura. No meio de seu biquíni branco um par de nádegas consideráveis. Nada se jogaria fora naquele arranjo. Tudo se aproveitaria de alguma forma.

Continuei observando os movimentos daquela candanguinha, para ver no que mais ela poderia se mostrar útil. Enfim a blusinha fora retirada. Seus seios pareciam uma obra de arte. Eram pequenos. Branquinhos. Prontos para serem atacados. Ela os empinava como que oferecendo-os numa bandeja. Quanto mais sentia seus peitos serem devorados por todos, mais ela arrumava a cortininha. Foi nesse instante que notei aqueles caroços de azeitonas no meio das rodelinhas de pepino. Simplesmente deliciosos. Chupá-los-ia até murcharem. Ela adentrou na sala do médico para o exame. Saiu rapidamente e logo foi vestindo aquele pedaço de mau caminho que tinha no meio do biquíni. Ao vestir-se perdeu a graça. Era mais uma loirinha sem graça, meio fubanguinha. Saiu de fininho da sala, após ter vivenciado seus minutos de fama.

Delírios de prazer

João Rodrigo I. Matsumoto (03)

Navego o mar de sua boca,
caminho morosamente pelos lábios
experimentando a satisfação louca,
detentora de privativos privilégios.

Viajo em seu corpo em chama,
sinto a fina cútis exalar
o aroma ativador da cobiça
incontrolável a cada apalpar.

Cessam todos os meus sentidos,
observo o acelerar do coração,
e o perfume de seus fluidos,
intensificar minha ofegante respiração.

Inebriante sensação de bem-estar,
desejos incontroláveis a se estender
pela técnica completa de saciar,
culminando em orgasmos múltiplos de prazer.

Nascida para o amor *

Eu beijei suas tetas dentro de um carro,
próximo à praia marítima.
A noite e seu corpo negro
como uma deusa cúmplice:
ela me chupa com uma maestria
aprendida durante muitos anos
em seus muitos homens.
Meus nervos são arames elétricos;
toda minha pele vibra de sensações
como se fosse uma tela proibida.
Assim, estendida sobre minhas pernas
amo a cabeça desta jovem.
O vento move as folhas das árvores;
porém o tempo ou a morte
apagarão este fogo que excita meu sangue.

* Tradução do poema “Nacida para el amor” in “Vida que es angustia.”, livro de Domingo Alfonso, poeta cubano, feita por José Israel Guedes Rodrigues, em 26.10.03.

Teus olhos negros e de porte pequenino

José Israel Guedes Rodrigues, em 27.10.03

“Teu corpo, e teu rosto, e teu nome,
teu coração, tua existência,
tudo – o espaço evita e consome:
e eu só conheço a tua ausência.”

Cecília Meireles

Teus olhos negros e de porte pequenino,
Que muitas vezes me fitam tão claramente,
Ou se velam sobre um nariz aquilino,
Despertam-me algo curioso na mente.

Excitam-me os teus lábios de desejo
Num sorriso de Mona Lisa em que se aninham
Dentes, qual pérolas naturais, que se alinham
E nos quais quero deixar ansioso um beijo.

As pelugens de tuas faces e do ventre,
/ Das reentrâncias e de formoso umbigo
Me fazem ser tão desatinado contigo

Que, a deslumbrar-me com teu corpo nu, sempre,
Irei ocupar todo teu monte divino
E sorver lentamente teu mel feminino.

Vila Esperança
(Adoniran Barbosa/ Marcos César)

Vila Esperança, foi lá que eu passei
o meu primeiro carnaval
Vila Esperança, foi lá que eu conheci
Maria Rosa meu primeiro amor
Como fui feliz, naquele fevereiro,
Pois tudo para mim era primeiro
Primeira rosa, primeira esperança,
Primeiro carnaval, primeiro amor criança

Numa volta no salão ela me olhou
eu envolvi seu corpo em serpentina
e tive a alegria que tem todo Pierrot
ao ver que descobriu sua Colombina
o carnaval passou, levou a minha rosa
levou minha esperança, levou o amor criança
levou minha Maria, levou minha alegria
levou a fantasia, só deixou uma lembrança.

e o tempo passou, passou...
-Tira tira ! - calça jeans de novo não, pensou
- Pronto ! Vem cá coisa loka !
-To indo
-Que longe, chega mais
-Assim?
-Hmmm, melhorou... dá beijo, vai !!

O Hiato Espaço

Roberto(02)

depois

-Faz diferente hoje ? devagarzinho ?
-Tá
-É que na primeira vez foi “tão assim”, ce entende né ?
-Tendí, xá comigo
-Promete ?
-Mas quanta pergunta, vem cá vai !

mais pra frente

-Não olha
-Porque ?
-Tenho vergonha, vai, num olha !
-Tá, num ólho
.....
-ta bom assim ?
-Xiii, num pára
-Mas tá bom !?
-num páaaaára !
-depois num reclama
-humpft..

E foi indo, e vai girando, vai andando, vão se
amassando, se conhecendo, e melhorando, e chorando,
e sorrindo, mas a idéia, aquela idéia, que mal nos
lembramos, o que era mesmo !? era isso !? era isso !?
isso o que !?, você fala complicado meu, vamo que só
falta 15 minuto.

Nascer mulher

Patricia Rabaça (03)

Nascer mulher. A coisa mais complicada que já aconteceu na minha vida foi ter nascido nesse sexo. Sexo?

Esse ser que nem se entende. Hormônios? Esse ser que se angustia. Os homens? Esse ser que se nega pelo aconchego e pela segurança. Independência?

Realmente; esse rasgo no meio da perna... essas bolas no meio do peito...

Cabelos tão mutantes, tão vulneráveis quanto o próprio ser mulher. Cabelos, mulheres e seus cabelos, acreditam que se mudar de cor (o cabelo) tudo muda de cor (a vida).

O que é essa sensação? O que é esse vazio? Não, não é a solidão, não é o sem eu, não-eu... o raio que o parta.

É o estar mulher.

E um falo que me salve? Após tanto feminismo será que ainda falaremos que o falo quem nos salvará? Um amigo me deu a idéia sábado de que o homem que consegue tirar o falo da mulher fállica a faz feliz... Muito Lacan? Outra concepção?

Drão?

Na terceira margem do rio, no meio da fogueira, ...

Tudo ilusão, tudo besteira.

E uma risada meio louca, meio má, de bruxa, uma risada que se frustra, um riso nervoso, um choro de criança com mulher histérica, uma MULHER.... muitos anos, muito tempo.

Um fim.

- O que foi amor? Me fala que eu te ajudo. Quer que eu vá aí?

... ..
saudade.



www.vidabesta.com (Galvão).

BOCA ESPECIAL

ERÓTICA⁶

**PRA QUEM ESTAVA ACOSTIMADO COM SEU EGO REPRIMIDO, OU
SUBLIMANDO PARA OS TÍPCOS TEXTOS POLÍTICOS, O BOCA PREPARA
ESSA PRIMEIRA SACANAGEM.**

**FREUD E SKINNER? NÃO, ELES NÃO ENTRAM!!!!!!!!!!
SÓ ÉDIPO E JOCASTA, ROLANDO NOS MESMOS LENÇÓIS.
APROVEITEM!**

UMA PROPAGANDA AUDACIOSA DE JONAS BONI E ROBERVALDO (02).

DISSERTAÇÕES E TESES

Enviado por Islaine Maciel

CANDIDATO(A): DAGMAR MENICHETTI

Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA

CLÍNICA

Título da Dissertação: A OBSERVAÇÃO LÚDICA
E O PSICODIAGNÓSTICO COMPREENSIVO:
APLICAÇÕES DO REFERENCIAL DE ANÁLISE DO
PROCEDIMENTO DE DESENHOS – ESTÓRIAS

COMISSÃO JULGADORA — Membros

Efetivos: Profa Dra. LEILA SALOMÃO DE LA PLATA
CURY TARDIVO – Orientador - Psicologia Clínica –
IPUSP. Profª Dra. IVONISE FERNANDES DA MOTTA
- Psicologia Clínica – IPUSP. Profª Dra. MYRIAM
AUGUSTO DA SILVA VILARINHO - Universidade São
Marcos

**Data Defesa Pública: 01 de dezembro de 2003
às 09:00h - Local: Sala 20 do Bloco Didático do
IPUSP.**

**CANDIDATO(A): WANDERLI DA COSTA
FONSECA**

Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA
ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Título da Tese: "PADRONIZAÇÃO DA BATERIA
DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL (BOP) PARA
ADOLESCENTES DE SÃO PAULO"

COMISSÃO JULGADORA — Membros Efetivos:

Profª Dra. IRAI CRISTINA BOCCATO ALVES –
Orientador - Psicologia Escolar e do Desenvolvimento
Humano – IPUSP. Prof. Titular ARRIGO LEONARDO
ANGELINI - Psicologia Escolar e do Desenvolvimento
Humano – IPUSP. Profª Dra. AUDREY SETTON LOPES
DE SOUZA - Psicologia Escolar e do Desenvolvimento
Humano – IPUSP. Profª Da. ANETE APARECIDA DE
SOUZA FARINA - Universidade Mackenzie. Profª Dra.
ELIZABETH TERESA BRUNINI SBARDELINI -
Universidade Tuiuti do Paraná.

**Data Defesa Pública: 03 de dezembro de 2003
às 09:00h. Local: Anfiteatro do IPUSP**



Comissão Organizado do BOCA:

Guilherme Gibran Pogibin - (98), José Israel Guedes
Rodrigues - (01), Roberto Lustosa de Andrade - (02),
Jonas Boni - (02), Paulo Szysko Pita - (03), Tânia
Lisboa - (03), Patrícia Rabaça - (03), Fernanda - (03).

Diagramação: Roberto L. de Andrade - (02) e
Jonas Boni - (02).

Revisão: José Israel Guedes Rodrigues - (01).

Publique no BOCA, envie textos no formato Word
(DOC) até às 12:00 hs do domingo para
boca@yahoogrupos.com.br. O conteúdo dos textos é
de responsabilidade do autor. Os textos serão
publicados conforme o critério de ordem de chegada ou
por categoria. Venha participar dos encontros do BOCA
que ocorrem semanalmente: Terça- feira às 13:30 hs.

7 Os descaminhos do SAP

Ricardo (Pós)R

Não é preciso necessariamente ter uma inteligência privilegiada para concluir que a obra de Carl Rogers está bem longe de ser um exemplo de erudição e complexidade teórica. O texto é fácil, simples, sem grandes elucubrações teóricas, e o que vemos no SAP é uma espécie de prática de inspiração humanista-existencial em que surgem alusões freqüentes às obras de Heidegger, Sartre e, ultimamente, Walter Benjamim (que *não é* existencialista, diga-se logo). Teóricos estes freqüentemente citados, *mas raramente lidos* pelos alunos de AP, e todos eles *filósofos* de profissão (os teóricos, não os alunos, claro). No SAP conheço um sem número de alunos que se dizem “existencialistas” sem nunca terem lido mais que um texto ou dois (o número depende do material disponível no xerox) de Sartre ou Heidegger. Mas o que, necessariamente, seduz no SAP?

Bem, ao longo de minha graduação pude perceber um movimento que se repetia com incrível regularidade: todos aqueles alunos que, por algum motivo, até o quarto ano, não conseguiram identificar-se com algum dos diversos referenciais teóricos apresentados ao longo do curso sucumbiram inevitavelmente às facilidades oferecidas pela abordagem centrada no cliente (“rogeriana”). A trajetória seguida é mais ou menos a seguinte: primeiro os alunos desistem da abordagem comportamental por ser exemplarmente “positivista”; em seguida, abandonam todas as correntes menores de psicologia por negligenciarem o inconsciente; daí quando chega a psicanálise freudiana eles a abandonam (principalmente as mulheres) por conta da infâmia que banuiu a psicanálise dos Estados Unidos pelas feministas – a inveja do pênis. Klein não convence por conta das imagens míticas do seio bom/seio mau e Lacan é difícil demais para alunos desabituaados a leituras mais densas e sem qualquer iniciação em filosofia. Vejamos, então, porque falo de “facilidades”.

Tais facilidades residem em uma tendência muito disseminada de incorporar à prática clínica elementos captados da fenomenologia e transfigurados em lugares-comuns tais como “É... esta pessoa está muito angustiada... ela não sabe o que fazer... O que você *sentiu* enquanto o atendia? Sim... é isso mesmo, você sentiu certo, é muita angústia...” ou apologias antiteóricas resumidas na máxima de que “a escuta é infinitamente superior à formação teórica”. Como se vê, suposições metodológicas discutíveis e que muito frustram os alunos mais empenhados em construir na sua prática clínica um sólido referencial teórico.

Sendo a teoria assim negligenciada em nome da prática, é fácil concluir porque essa abordagem atrai com uma força irresistível aqueles alunos que não conseguiram construir um tal referencial (ou pelo menos um esboço disso) ao longo da graduação, afinal, se o que conta é mesmo a prática, não é imperativo o domínio do referencial teórico, seja ele qual for. Para quem não gostava mesmo de ler, e segundo a lei do menor esforço, o serviço é um oásis em meio à árida leitura psicanalítica ou à rigidez behaviorista (na minha opinião, mais vale o behaviorismo como referencial teórico que nenhum referencial). Penso, portanto, que existe algo no próprio modelo do SAP (seu viés antiteórico) que serve de fermento para este tipo “antiintelectualista” de incorporação pelos alunos seduzidos pelo serviço. No mais, existe ainda o problema das supervisões que nem sempre são oferecidas pelos próprios professores, trabalho esse relegado às mãos inábeis (tanto na teoria quanto na prática) de ex-alunos. Mas como o domínio do referencial teórico não importa mesmo, temeridades como estas são permitidas sem maiores considerações, afinal, supervisionar segundo as regras do bom-senso, disso todo mundo é capaz.

Desnecessário dizer que tais incidentes reforçam ainda mais a imagem negativa dos psicólogos, levando nossos críticos, sempre mordazes, a preferirem uma boa conversa de bar a um longo e caro tratamento psicoterápico. E tal como as coisas estão colocadas, acho impossível refutar considerações como estas. A cerveja induz a livre associações, o amigo possibilita a relação transferencial servindo de analista e, em sendo um bom ouvinte e nos conhecendo bem, é capaz de interpretações de senso-comum bastante apropriadas. E além do mais, a conta ainda pode ser dividida por dois.

Tendo tudo isso em consideração é difícil crer que a abordagem do SAP consiga realmente cumprir a função que se espera dele. Não consigo imaginar de que forma a supressão da angústia de nossos pacientes, mediante um acolhimento excessivamente maternal, calcado em uma escuta enformada pelo senso-comum, poderia ajudá-los. A angústia e o sofrimento, notemos bem, não sendo excessivos, podem ser mobilizadores do pensamento.

No mais, é tempo de os alunos de graduação abandonarem a posição ingenuamente ética de que, “não se discute referencial teórico”, tanto quanto gosto ou religião. Que fique claro uma coisa: em uma universidade *podemos e devemos* discutir seja o que for, principalmente *referenciais teóricos*, pois se em uma instituição pública de ensino superior e da magnitude da Universidade de São Paulo não pudermos discutir abertamente as insuficiências e/ou inadequações teóricas que enformam nossa ação, haveremos de discutir o quê?

O IMPÉRIO DO ENGODO

Dumit (01) R

Em poucos lugares as fofocas correm tão rápido como nos corredores da Psico. Então, como muitos de vocês já devem estar sabendo, o Prof. Frayse adiantou o fim do curso e resolveu ir gozar “mais cedo” sua aposentadoria, que, aliás, já começou desde o ano passado. Para quem não ficou sabendo, ele se desentendeu com um aluno, ficou irritado com a discussão e, na semana seguinte, comunicou-nos que não mais nos daria as duas ou três aulas restantes.

Esse fato, de um jeito ou de outro, causou revolta em muita gente, mas, é claro, por motivos bem diferentes. De um lado, teve gente que achou uma puta falta de responsabilidade, de infantilidade e que isso tudo não passou de um “chilique” da parte dele. Afinal, os alunos têm o direito e o dever de contestar o professor, e este deve ter a paciência e respeito para com seus pupilos. Do outro lado, teve gente que ficou puto com o aluno, epicentro do desentendimento, o qual, aliás, até onde eu sei, nem fazia parte do curso; e ele não tinha direito de causar irritação no prezado mestre. E teve, gente que oscilou entre os dois. Afinal muitos, como eu, matricularam-se no curso só porque era o último ano que o Frayse daria aulas na Psicologia.

Mas pensando um pouco mais no assunto, e, fugindo às conclusões que rodeiam apenas o óbvio, acredito que esse fato tenha algo a mais para nos dizer a respeito de nossa relação com os professores e com o restante da classe. Sempre houve algo que me incomodou nessas relações, mas eu nunca soube precisar, ao certo, os contornos de seu conteúdo. Esse ocorrido deu-me algumas indicações um pouco mais concretas. Em seu discurso justificando sua decisão, Frayse mencionou algo como “rótulos”. E, aí a ficha caiu: não sei se todos têm essa noção, mas os estudos da profissão que escolhemos exigem-nos um estudo para a vida inteira. E a graduação é só um começo. De fato, nossa formação é bastante superficial, tivemos meio semestre de Jung e Reich, um de Melanie Klein, um de Escolar, um de Adorno, Lacan como optativa, um pouquinho de Winnicot e, relativamente, um pouco a mais de Freud aqui e ali. Eu me pergunto: o que a mais dessas matérias temos se não vagas impressões do imenso material sobre o qual nos debruçaremos até o fim de nossas vidas? Desconsiderar isso e, de antemão, auto-atribuir-se uma “envergadura moral” digna da elite da “elite intelectual do país” é uma postura de uma arrogância que dá nojo.

Quando o Frayse falou de “rótulos”, vieram em minha mente milhares de imagens de aulas, nas quais as perguntas continham em seu conteúdo clichês aos punhados como “epistemologia”, “alteridade”, “opressão aos pobres”, “Dona Zica”, “pressupostos”, “matrizes”, e afins. Não importa a vertente que a matéria siga, seja ela biológica,

psicológica, psicanalítica ou social, tenho a impressão que as pessoas querem sempre que o professor em questão tenha seu discurso e o conteúdo deste moldado segundo os parâmetros dados em aulas como as do Moura, do Luis Cláudio ou do Nelson. E minhas críticas não se dirigem às teorias destes professores em si. O que eu estou criticando é a postura panfletária e irritantemente insistente. O que eu estou criticando é que parecemos mensageiros de um “levar-e-traz” entre os professores, entre as diversas “igrejinhas”, sem ao menos saber por completo do que estamos falando. Pois, por mais que nos interessemos por esses assuntos e busquemos alguma leitura por fora de Husserl ou Merleau-Ponty, estamos anos-luz de termos uma real compreensão de um assunto tão complexo e extenso.

Com o perdão da palavra: isso enche o saco! E, a prova mais concreta disso é que o Frayse “chutou o balde” e foi vestir a pantufa e o pijama e jogar gamão com seus colegas psicanalistas cansados da vida.

O ocorrido na aula foi muito representativo. O professor tinha um ponto específico para transmitir e seu discurso foi interrompido e desviado para o mesmo *ritornelo* masturbatório de sempre. É interessante que em algumas situações como essa, a crítica fica tão artificial e “fora de lugar” que dá a impressão que o objetivo é apenas criar polêmica. A crítica pela crítica. A discussão pela discussão. E essa polêmica é revestida por um glamour intelectual que pretensamente remonta aos nossos heróis do passado, que com flores na mão, com símbolos de paz no peito e com espíritos livres e contestadores, deram suas vidas para livrar-nos do “julgo cruel da opressão ditatorial de um governo militar”.

E eu, de modo nenhum, estou dizendo que “lugar de filosofar é no boteco”, e que devemos aceitar tudo passivamente, sem resistências e não nos rebelarmos contra o que acreditamos ser injusto. Mas eu tenho a plena convicção que é condição NECESSÁRIA para qualquer tipo de crítica, entender primeiro o objeto que se deseja criticar e/ou partir para discussões filosóficas de alta “complexidade”. Aliás, aderir imediatamente a esse tipo de discussão e/ou crítica sem antes entender e compreender o objeto de estudo - quer você concorde com ele ou não - é o que mais caracteriza “filosofia de botequim”. E meu ponto vai além: eu tenho a impressão que a discussão e a crítica não são algo que tem um fim em si mesma. Fico em dúvida até que ponto essas discussões “filosóficas de alto teor” não são medo de entrar em contato com a realidade e a verdade do outro.

Um exemplo representativo, acredito eu, de o quanto essas discussões filosóficas têm essa finalidade defensiva, foi a tão inflamada e patética discussão sobre os estágios de psicopatologia. E eu nem estou entrando nessa discussão

BIFE SÃO SEBASTIÃO 2003 RESULTADOS

Renata Baccarat (01)

em si, mas estou tentando mostrar o ponto, no qual acredito, que essas racionalizações PODEM fazer o papel de impedir-nos de entrar em contato com a realidade e com o outro, por puro medo e infantilidade mal disfarçada. Sob um argumento aparentemente inteligente, “que estigmatizamos os pobres como doentes mentais”, nos escondemos de entrar em contato com eles. Um bom argumentador, com uma carga teórica mínima pode provar por A+B que o céu é cor de rosa, só que nunca saberemos que cor de fato o céu é se ficarmos recolhidos às nossas torres-de-marfim-filosóficas-epistemológicas e não entrarmos em contato com o real e com o outro.

Então, eu acredito que devemos ser mais parcimoniosos e pensarmos melhor antes de questionarmos todos os dias o nascer e o pôr do sol. Mas os adeptos do *démoté* “É proibido proibir” poderão acusar-me de alienado, repressor e até de capitalista. Afinal, os alunos têm o direito e o dever de contestar, por todos os meios possíveis e legítimos as posições de poder e os “pressupostos” que embasam a dominação dessa sociedade desigual e injusta.

Mas, até aqui, falei da nossa relação com nossos professores. Para a compreensão do que estou propondo acima, é necessário que consideremos um outro nível relacional: o dos alunos uns com os outros. Essas discussões intermináveis, muitas vezes, e eu enfatizo: muitas mesmo(!), não são do interesse de todos, e a aula fica monopolizada por dois ou três indivíduos, enquanto o resto se fode. Isso é um puta desrespeito. Todos têm igual direito de propor perguntas e levantar questionamentos. O critério que define o limite disso é até quando o questionamento desvia totalmente a aula por conta de uma angústia individual, e o fim da aula se perde em todos os sentidos. Algumas questões não são resolvidas em algumas aulas ou semestres. Algumas questões são levadas para além da faculdade e, algum dia, depois de muito estudo, e principalmente de muita EXPERIÊNCIA (isso mesmo, contato com o real e com o outro e sua verdade!) talvez vislumbremos uma possível solução para o que nos incomoda. Não devemos achar que, com o nível atual de compreensão que temos das matérias, saberemos o suficiente para aplacar todas nossas angustias teóricas.

O que aconteceu com o Frayse foi uma caricatura bizarra e patética do que acontece nas aulas quase todos os dias. O fluxo da aula é interrompido por questões para as quais os interpeladores não possuem um arcabouço necessário para conferir-lhes a tal “autoridade moral” para discutir tais questões; o fim da aula se perde e ninguém aprende nada de novo, e ficamos achando que estamos com a bola toda. Todo conhecimento novo possível é barrado e transformado no que já é SUPOSTAMENTE conhecido. O império do engodo é reproduzido. Eu detestei o que o Frayse fez, mas, se tivesse na posição dele, teria feito exatamente igual, afinal, meu ouvido não é pinico!

Três dias de muito sol e calor no litoral norte. Somado a isso jogos disputadíssimos e uma bateria que calava as torcidas adversárias, especialmente a da ECA, nossa grande adversária. Para completar, uma participação sensacional da Lígia nossa nadadora mais que profissional, que fez às aspirantes a nadadoras comerem poeira nas piscinas de São Sebastião.

Venceu todas as provas em que participou, garantindo para a PSICO juntamente com a Clariana, a Natalia, a Mari Stuch e a Cássia (03) no revezamento, 6 medalhas de ouro na natação e com isso a primeira colocação na natação feminina. Quem também fez bonito foi o Vôlei feminino que ficou com a medalha de prata numa partida disputada com a BIO.

O futebol de campo Masculino também ficou com a prata numa partida disputada com a GEO, e merece destaque a vitória, de virada contra a ECA, na qual a torcida gritando “GOOOLLLLLLLLLL!” em todas as tentativas de gol atordoou os adversários!

Na classificação geral, ficamos com o terceiro lugar feminino, com uma diferença mínima de 1 ponto em relação ao IME segundo colocado. No masculino ficamos com a quinta colocação. E no geral total ficamos em quarto lugar desbancando duas das fundadoras do BIFE, a FAU e a BIO

A PSICO também esteve presente no Xadrez, esporte incluído no BIFE a partir deste ano, e obtive o 4º lugar, atrás da FÍSICA, da FFLCH e da VET, mas, à frente do IME (MATEMÁTICA). Aliás, a equipe do IME mostrou um comportamento anti-esportivo ao impor (pelo voto de um dos seus membros) o impedimento de participação do José Israel, alegando a observância rigorosa do Regulamento que não previa a substituição de um documento oficial (o do RG) pela carteirinha da USP ou de estudante (UNE), únicas que o José Israel podia apresentar no momento (devido a extravio dos seus demais documentos). Mas, isso mais ajudou do que prejudicou, pois o LOCO (00), como substituto, entrou com fúria no “saloon” e ganhou as 4 partidas que jogou. Na primeira partida do evento (foram cinco), a PSICO não necessitou jogar pois ficou em condição de BY no emparceiramento. Nas duas últimas, a equipe ficou desfalcada devido à necessidade de ceder seus poli-atletas para a Natação e Futebol de Campo, mas foram substituídos por Marina (02), que colaborou com muita graça e disposição para que não levássemos uma multa por WO no terceiro tabuleiro.

Fica aqui um parabéns especial a todos os atletas que deram toda sua energia nessa maratona de jogos, desde de manhã bem cedo, sob o sol do meio-dia e até os jogos da madrugada! Parabéns à nossa bateria que mostrou que vai fazer muito barulho no próximo INTERPSICO e enfim um parabéns especial a todos que estiveram lá torcendo e ajudando de alguma forma. Somos nós que fazemos com que estes jogos sejam possíveis, e com que sejam cada vez melhores!

Esperamos que ano que vem mais pessoas se animem para participar e ajudar a fazer uma festa!



Instituto de Psicologia - USP

Centro Acadêmico Iara Iavelberg

Boca

Número 28

Quarta-feira, 26 de Novembro de 2003

A dignidade socialista

Composição de José Israel sobre texto enviado por Júlio Otero (Psico-Mackenzie)

Na próxima semana haverá promoção de mesas de debate entre renomados intelectuais brasileiros tendo por referência o Prof. Dr. PAUL SINGUER.

MESA: O INTELLECTUAL E O EDUCADOR

Participantes: Sedi Hirano, Diretor da FFLCH-USP, Maria Victoria Benevides, Profª titular Faculdade de Educação da USP. Silvia Leser, Coordenadora do Programa de Economia Solidária da USP, Mario Sergio Cortella, Professor da PUC-SP, Marilena Chauí, Profª da FFLCH-USP. Coordenação: Silvia Leser.

Dia 04.12, no Auditório de História da FFLCH-USP, às 18h.

MESA: O MILITANTE PARTIDÁRIO E PROPOSITOR DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Participantes: Márcio Pochmann, Secretário Municipal do Trabalho, Desenvolvimento e Solidariedade; Zilah Wendel Abramo, Presidente do Conselho Curador da Fundação Perseu Abramo; Luiz Dulci, Ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República; André Singer, Porta-voz da Presidência da República; Antonio Candido, Crítico literário. Coordenação: Marco Manfredini - Chefe de Gabinete do Vereador Carlos Neder (PT/SP)

Dia 5.12, no Salão Nobre da Câmara Municipal, de São Paulo, às 16h.

No mesmo dia e local, haverá, às 18h, uma conferência a ser proferida pelo referenciado e, às 19h, a entrega a ele do Título de Cidadão Paulistano.

Paul Singer nasceu na Áustria, numa pequena família de comerciantes judeus. Iniciou seus estudos ainda em seu país de origem, imigrando para o Brasil em 1940. Trabalhou na indústria como eletrotécnico, tendo se filiado ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Militante da área sindical, liderou a greve de 1953 que paralisou a indústria paulistana por mais de um mês, filiando-se posteriormente, em 1954, ao PSB. Acadêmico renomado, é formado em Economia e Administração, doutor em Sociologia, livre-docente em Demografia, professor de Macroeconomia, além de professor titular da FEA-USP, todos esses títulos obtidos pela USP.

Foi membro do primeiro Conselho Diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP, Secretário Municipal de Planejamento de São Paulo e coordenador acadêmico da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP. Possui diversos livros publicados no Brasil e no exterior e atualmente exerce o cargo de Secretário Nacional de Economia Solidária do Governo Lula.

DISCIPLINA PARA ALUNOS DA PÓS-GRADUAÇÃO

Enviado pela Profª Emma Ota

O Dr. BOGUSLAW PAWLOWSKI, professor e pesquisador na Universidade de Wroclaw (Polônia), ministrará a Disciplina "A SEXUALIDADE HUMANA A PARTIR DA PERSPECTIVA DA PISCOLOGIA EVOLUCIONISTA", em quatro aulas (dias 2 a 05.12.03), na sala 8 (a confirmar) do Bloco F, das 17 às 19h.

A disciplina é destinada a alunos da pós-graduação do IPUSP. Os inscritos que a concluírem com aprovação terão direito à adição de 2 créditos. A inscrição deve ser efetuada na Secretaria da Graduação (Bloco 23) do IPUSP. Os alunos da graduação poderão inscrever-se como ouvintes e para isso devem procurar por Sônia Kamisaki (informar-se na Portaria diante da qual se posiciona o livreiro Sr. Antônio).

INVENTÁRIO 2004

O inventário é uma atividade de rotina em bibliotecas e tem como objetivo fazer a revisão completa do material que compõe o acervo.

A realização do inventário permite: LOCALIZAR O MATERIAL GUARDADO INCORRETAMENTE; VERIFICAR O MATERIAL QUE PRECISA SER REPARADO OU ENCADERNADO; IDENTIFICAR POSSÍVEIS EXTRAVIOS DE MATERIAL; ORGANIZAR O ACERVO.

Para que o inventário seja realizado com sucesso é necessário que a maioria do material esteja nas estantes. Nossa biblioteca realizará seu inventário de 05 a 23 de janeiro de 2004, e permanecerá fechada para atendimento ao público. Pedimos a colaboração dos usuários no sentido de devolverem o material retirado por empréstimo até 17/12/03.

Agradecemos a compreensão.
SBD/IPUSP